

# ESTAÇÃO ECOLÓGICA JUAMI-JAPURÁ

*Thiago Vernaschi V. da Costa*<sup>1</sup>

*Christian B. Andretti*<sup>2</sup>

*Alexandre M. Fernandes*<sup>3</sup>

*Claudeir F. Vargas*<sup>4</sup>

*Catherine L. Bechtoldt*<sup>5</sup>

*Viviane Deslandes*<sup>6</sup>

*Mario Cohn-Haft*<sup>7</sup>

Curadoria de Aves, Coleções Zoológicas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, C.P. 478, Manaus, AM, Brasil; <sup>1</sup>tvvc@inpa.gov.br; <sup>2</sup>andretti.tche@gmail.com; <sup>3</sup>fernandesornito@gmail.com; <sup>4</sup>claubioufms@terra.com.br; <sup>5</sup>catherinebech@yahoo.com; <sup>6</sup>vivilaquesis@hotmail.com; <sup>7</sup>mario@buriti.com.br

## INFORMAÇÕES GERAIS

**Nome da área:** Estação Ecológica Juami-Japurá (EEJJ)

**Coordenadas geográficas centrais:** 01°39'S e 68°02'W

**Estado:** Amazonas

**Município:** Japurá

**Altitude:** 50 m

**Limites:** A EEJJ engloba todo o rio Juami, afluente da margem direita do Japurá, localizado no interflúvio formado por este último e o Solimões, na região noroeste do estado do Amazonas.

**Área total:** aproximadamente 7.450 km<sup>2</sup>

**Situação de conservação:** Unidade de conservação classificada na categoria de Estação Ecológica (decreto Nº. 91.307, de 03/06/1985).

## DESCRIÇÃO GERAL

Do ponto de vista ornitológico, a região ocidental da Amazônia brasileira é pouco conhecida e raros são os trabalhos na literatura sobre a distribuição das espécies dessa região. O rio Japurá é o segundo maior afluente da margem esquerda do sistema Solimões-

Amazonas e um dos principais rios da bacia amazônica. Estende-se desde a Colômbia, por toda a região noroeste do estado do Amazonas e deságua na margem esquerda do rio Solimões. O interflúvio formado entre os rios Japurá e Solimões permanece como uma das regiões menos conhecidas de toda a Amazônia.

O rio Juami é um afluente de água preta da margem direita do Japurá. A EEJ engloba todo o rio Juami e pertence ao município de Japurá, noroeste do estado do Amazonas. É coberta por áreas de terra firme, com extensas áreas de igapós e chavascais em suas margens e ao longo dos igarapés, e apresenta áreas de várzea e ilhas fluviais em sua foz. O acesso só é possível por via fluvial e dista cerca de 400 km da cidade de Tefé.

Apesar de ser uma área de difícil acesso e distante de qualquer grande centro urbano, observam-se usos conflitantes que afetam a unidade e seu entorno. Há denúncias de ações de garimpo no entorno da unidade e possibilidade de invasores. A fiscalização da unidade torna-se difícil por não existir infraestrutura e a área ser de difícil acesso.

## ESPÉCIES MIGRATÓRIAS

Os registros apresentados aqui foram realizados durante uma expedição à EEJ entre os dias 9 de novembro e 4 de dezembro de 2005. Foram registradas 14 espécies migratórias neárticas. Mais da metade dessas espécies é de batuínas e maçaricos, sendo elas: batuínçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*, Charadriidae), maçarico-pintado (*Actitis macularius*, Scolopacidae), maçarico-solitário (*Tringa solitaria*, Scolopacidae), maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*, Scolopacidae), maçarico-branco (*Calidris alba*, Scolopacidae), maçarico-de-sobre-branco (*Calidris fuscicollis*, Scolopacidae) e maçarico-de-colete (*Calidris melanotos*, Scolopacidae). Estas espécies foram registradas em ambientes de praia na foz do rio Juami ou em bancos de areia ao longo deste rio. Não foram registradas grandes concentrações de indivíduos destas espécies, sendo elas avistadas, na maioria das vezes, aos pares ou em números de, no máximo, 10 indivíduos. Alguns dos poucos registros publicados sobre espécies migratórias neárticas na Amazônia são apresentados por Stotz *et al.* (1992). Estes autores relatam a presença dessas espécies na Amazônia central, particularmente no Arquipélago de Anavilhanas e na Ilha da Marchantaria. São todas comuns na região de Manaus entre os meses de agosto e janeiro, com exceção de *C. alba* e *T. flavipes*, consideradas incomuns nessa região (Stotz *et al.* 1992).

Entre as demais espécies registradas está a águia-pescadora (*Pandion haliaetus*, Pandionidae), registrada em grandes números em todo o curso do rio Juami, assim como no rio Japurá, nas proximidades da EEJJ. É uma espécie que ocorre próximo a cursos d'água, presente o ano inteiro em toda a região amazônica (Stotz *et al.* 1992; obs. pess.).

O falcão-peregrino (*Falco peregrinus*, Falconidae) foi registrado em uma oportunidade durante nossa visita à EEJJ. É uma espécie que apresenta poucos registros publicados na região amazônica, sendo um visitante regular – mas raro na região de Manaus, no rio Solimões – e que inverna ao longo do rio Amazonas e de seus principais tributários (Stotz *et al.* 1992). Parece ainda haver uma provável rota de migração desta espécie ao longo do rio Negro (Albuquerque 1978).

O bacurau-norte-americano (*Chordeiles minor*, Caprimulgidae) foi registrado em vôo em poucas ocasiões durante a visita à EEJJ. Embora seja uma ave bastante encontrada no sudeste do país, os primeiros registros desta espécie para a Amazônia brasileira são de Stotz *et al.* (1992), na região de Manaus. Trata-se de uma espécie migratória incomum, registrada principalmente entre os meses de outubro e dezembro, com registros esparsos na Amazônia, incluindo Colômbia (Hilty e Brown 1986) e Peru (Parker *et al.* 1982). Por ser regularmente registrada no Peru, a região amazônica ocidental pode ser considerada como uma importante área de permanência desta espécie no inverno. No entanto, as regiões de permanência e as subespécies de *C. minor* que migram para a América do Sul são bastante desconhecidas (Cleere e Nurney 1998), sendo necessário um maior esforço de registro e coleta desta espécie durante seu período de permanência no Brasil, particularmente na região amazônica.

O piuí-verdadeiro (*Contopus virens*; Tyrannidae) foi registrado uma vez em uma área de igapó nas margens do rio Juami. Trata-se de uma espécie incomum, apesar de amplamente distribuída na região amazônica ocidental. Os primeiros registros publicados desse migrante neártico no Brasil parecem ser de Stotz *et al.* (1992).

Três espécies de andorinhas (Hirundinidae) migratórias da América do Norte foram registradas durante a expedição, sendo elas: andorinha-azul (*Progne subis*), andorinha-do-barranco (*Riparia riparia*) e andorinha-de-bando (*Hirundo rustica*). As três espécies foram avistadas em grandes bandos ao longo do rio Juami e em alguns lagos da EEJJ. São espécies comuns na região de Manaus e facilmente observadas ao longo dos rios, pastagens e cidades durante as épocas de permanência na região amazônica (Stotz *et al.* 1992). A escassez de registros de *R. riparia* no sul da América do Sul sugere que a maior parte da sua população inverna nas terras baixas amazônicas (Ridgely e Tudor 1989).

## AMEAÇAS E RECOMENDAÇÕES

A região amazônica é de fundamental importância para espécies migratórias neárticas, por ser área de permanência ou de passagem para regiões mais ao sul do continente. Apesar de não serem observadas grandes concentrações de indivíduos migrantes neárticos em áreas localizadas, a Amazônia desempenha um importante papel para a conservação dessas espécies. Devido à sua enorme extensão, a região amazônica apresenta um fenômeno mais difuso na ocorrência de indivíduos de espécies migratórias da América do Norte, mas que se traduz em uma expressiva quantidade de indivíduos em números absolutos. Por conta disso, a conservação da região como um todo é fundamental à conservação dessas espécies migrantes.

Assim como as demais regiões amazônicas, a bacia do rio Japurá, com inúmeros lagos, grandes rios e grande diversidade de habitats, é uma área que oferece importantes recursos para aves migratórias, principalmente para os maçaricos que fazem paradas antes de seguirem para lugares mais distantes, no sul. Dados sobre sua abundância, distribuição e ecologia durante o período de invernagem são escassos ou quase inexistentes e o conhecimento sobre o período não-reprodutivo de seu ciclo de vida é central para entender sua biologia e assegurar sua conservação. Embora as terras baixas amazônicas tenham sido pouco estudadas até pouco tempo atrás como rotas migratórias, agora já se soma conhecimento suficiente para afirmar que muitas espécies migrantes neárticas têm a bacia amazônica como área de invernada e também como passagem obrigatória a caminho de áreas mais ao sul do continente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, J.B.L. 1978. Contribuição ao conhecimento de *Falco peregrinus*. Tunstall 1771 na América do Sul (Falconidae, Aves). Revista Brasileira de Biologia 38: 727-737.
- Cleere, N. e D. Nurney. 1998. Nightjars: A guide to nightjars and related nightbirds. Pica Press, Sussex.
- Parker, T.A., III, S.A. Parker, M.A. Plenge. 1982. An annotated checklist of Peruvian birds. Buteo Books, Vermillion, SD.
- Ridgely, R.S e G. Tudor. 1989. The birds of South America, v. 1., The Oscines. Passerines. University of Texas Press, Austin, Texas.
- Stotz, D.F., R.O. Bierregaard, M. Cohn-Haft, P. Peterman, J.A. Smith, A. Whittaker e S.V. Wilson. 1992. The status of North American migrants in central Amazonian Brazil. Condor 94: 608-621.
- Hilty, S.L. e W.L. Brown. 1986. A guide to the birds of Colombia. Princeton University Press, Princeton, NJ.